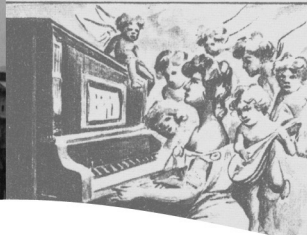


Joaquim Callado

O PAI DO CHORO

CATALOGO
DE MUSICAS



ANDRÉ DINIZ

Joaquim Callado

O PAI DO CHORO



ZAHAR
Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Copyright © 2008, André Diniz

Copyright desta edição © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Mari Taboada
Capa: Miriam Lerner

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

D61j Diniz, André, 1975-
Joaquim Callado: o pai do choro / André Diniz. – Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Ed., 2008.

il.

Apêndice: O que ouvir? – O que ver? – O que ler? – Cronologia
Contém discografia
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-378-0085-0

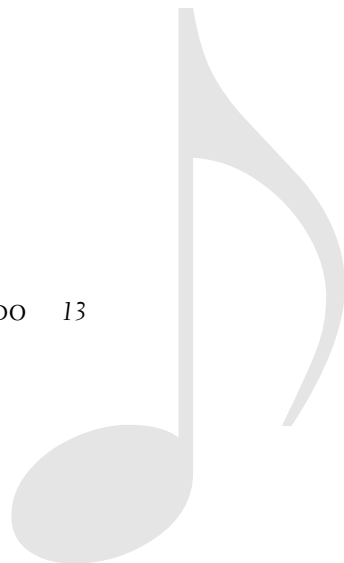
1. Callado, Joaquim, 1848-1880. 2. Choro Carioca (Grupo musical).
3. Compositores – Brasil – Biografia. 4. Flautistas – Brasil – Biografia.
5. Choros (Música) – Brasil – História e crítica. I. Título.

08-2201

CDD: 782.42164
CDU: 78.067.26

Sumário

PREFÁCIO, POR EDINHA DINIZ	9
APRESENTAÇÃO: TUDO COMEÇOU COM CALLADO	13
1 PRIMEIRO SOLO	15
2 O CHORO E OS CHORÕES	29
3 O IMPÉRIO DA BOA MÚSICA	41
4 O PAI DOS CHORÕES	63
5 “O MESTIÇO INOVADOR”	73
6 A OBRA DO FLAUTISTA	83
7 AS COMPOSIÇÕES E GRAVAÇÕES	101
O que Ouvir?	115
O que Ver?	116
O que Ler?	117
Cronologia	119
Notas	123
Referências Bibliográficas e Discográficas	132
Agradecimentos	140
Sobre o Autor	141
Créditos das Ilustrações	142
Índice Onomástico	144



* * *

JOAQUIM CALLADO ERA UM MESTIÇO que usava sempre um pince-nez – aqueles óculos pequenininhos que eram utilizados para ler de perto – e espessos bigodes negros caídos nos cantos da boca. Seus cabelos tinham um tratamento especial. O músico separava-os bem ao meio, deixando salientes dois relevos chamativos.

apenas as audições que fazia nas casas das senhoras que o levavam a homenageá-las com composições. Também sua simpatia e seu jeito afável o incentivavam a escrever músicas para mulheres. A polca “Querida por todos”, feita para Chiquinha Gonzaga,



Callado de óculos e gravata-borboleta, em sua fase mais madura, já reconhecido na cidade como um dos grandes nomes da música na segunda metade do século XIX.

é uma dessas melodias. “Ernestina”, “Salomé”, “Celeste”, “Conceição”, “Maria Carlota” e “Aurora” fazem parte de uma lista em que podemos incluir as sutis “A desejada”, “Dengosa” e “A sedutora”.

Alguns dos títulos de suas peças influenciaram o espírito brincalhão com que os músicos populares do período nomeavam as composições. Esse estilo meio zombeteiro e duelístico passaria para a tradição do choro e das marchas de Carnaval: “Ai, que gozos”, “Cruzes, minha prima!”, “Como é bom”. E ainda podemos confrontar com outras da época: “Durma-se com um barulho deste”, “Gago não faz discurso/ Dentuça não fecha a boca”, “Capenga não forma/ Corcunda não perfila”.

Callado compunha suas músicas com muita simplicidade, em qualquer momento do dia. Bastava ter uma inspiração que escrevia, por exemplo, nos largos punhos descartáveis que então se usavam, sobre algum livro, em um canto de jornal ou mesmo em papel de pão. Não raro, ao caminhar pelas estreitas ruas do Rio, parava num café cantante para elaborar a melodia que vinha em seu pensamento. O bonde era outro local onde a inspiração do mestiço chegava, ao longo dos vagarosos trajetos puxados a tração animal.

Os caminhos percorridos por suas músicas são sempre cheios de surpresas, o que nos leva a crer que ele conhecia profundamente harmonia (mais uma vez sobressai o aprendizado com o maestro Henrique). Mostrava preocupação com o virtuosismo e a exploração dos recursos da flauta, o que resultava em lindas músicas. Era com esses recursos que tirava do instrumento toda a sua musicalidade e, se me permitem, com fôlego de diva de ópera. Tocava flauta de ébano (feita com a madeira de mesmo nome e com chaves de número variado). As modernas flautas transversas Boehm – nome do ourives e flautista alemão Theobald Boehm, que as desenvolveu –, com sonoridade sensivelmente melhor, só se tornariam conhecidas no Brasil com a chegada do flautista belga Mathieu-André Reichert, em 1859, e demorariam um pouco para se popularizar.



O doutor Gonzaga Filho, irmão da maestrina Chiquinha Gonzaga, transcreveu textualmente em seu livro *Palestra* a opinião de Callado sobre a flauta:

Possuo duas flautas, uma para concertos e recreio próprio e outra que estou amansando. Os instrumentos de sopro seguem a sorte do piano. A princípio reclamam ser surrados durante certo tempo: chegam depois ao período de mansidão, ao cabo de largo tempo decaem, tornam-se desafinados e é perder esforços corrigi-los.⁵

O folclorista e musicólogo Renato Almeida escreveu que Joaquim Callado tinha “não só um sopro muito segu-

Um dos muitos cafés da cidade do Rio, onde artistas como Callado iam para bater papo e, freqüentemente, criar melodias.

ro, como ainda uma técnica assombrosa, dizendo-se que executava quase sempre toda a melodia em rapidíssimos saltos oitavos, dando a impressão perfeita de que eram duas flautas a tocar”.⁶

O chorão Alexandre Gonçalves Pinto, conhecido como Animal, ao relatar as suas memórias do choro, que remontam aos últimos anos do século XIX, afirmou que

Callado foi um flautista de primeira grandeza, e ainda hoje é lembrado e chorado pelos músicos desta época, pois as suas composições musicais nunca perdem o seu valor, na



sua flauta, quando em bailes, serenatas (que eram feitas em plena rua, pois naquele tempo eram permitidas, não havendo intervenção da polícia). Callado tornou-se um Deus para todos que tinham a felicidade de ouvi-lo.⁷

Alexandre Pinto, ainda confirmando a firmeza e a técnica do sopro de Callado, mas fornecendo informações que fortalecem a lenda de que o flautista era considerado “um deus” no

*Flauta de Callado
que se encontra
na Universidade
Federal do Rio de
Janeiro.*

meio do choro, diz-nos que, de certa feita, ele foi convidado para tocar em um teatro da cidade. Ao chegar, colocou sua flauta na estante e alguém, com a intenção de estragar sua apresentação, desaparafusou uma das chaves do seu instrumento. Callado nem notou, pois “tocou à força do beijo” e foi aplaudidíssimo pelo público. E o mesmo Alexandre resumiu que ele não era só

músico para tocar de primeira vista, como também para compor qualquer choro de improviso, quantas vezes acha-

va-se tocando em um baile de casamento, batizado, aniversário ou outra qualquer reunião, e se nesta ocasião qualquer dama ou cavalheiro pedisse para escrever um choro em homenagem ao festejado, Callado não dizia que não, passava a mão em qualquer papel quando não trazia o próprio, riscava a lápis e zás! punha-se a escrever, daí a momento entregava a um chorão presente, que, executando-a, tornava-se um delírio para todos os convivas pela clareza e linda inspiração da mesma.⁸

Nascia o pioneiro flautista do choro Joaquim Callado.